

A Questão do gênero na literatura em ciência da informação

Leilah Santiago Bufrem
Bruna S. do Nascimento

RESUMO

Estudo descritivo que utiliza análise bibliométrica para verificar a presença da mulher como produtora de informação científica e analisar como a temática do gênero vem sendo trabalhada na literatura da área de Ciência da Informação no Brasil. Utiliza a Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) como fonte dos dados empíricos acerca da produção científica circunscrita à referida temática. Observa a assiduidade com que o tema tem sido tratado nos artigos publicados, os autores mais produtivos e suas condições profissionais e acadêmicas. Organiza e trata os dados utilizando o *software* Excel para a confecção dos gráficos e tabelas. Identifica 74 artigos, escritos por 102 autores distintos, que contemplam a temática gênero entre os anos de 1972 e 2011. Constata a predominância da autoria individual dos trabalhos e observa o aumento no número de artigos publicados sobre o tema nos últimos anos.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência da Informação. Gênero. Periódico científico. Bibliometria.

1 Introdução

Os estudos sobre a literatura científica da área de Ciência da Informação (CI) têm sido analisados sob ângulos diferenciados, tais como aqueles voltados às tendências temáticas, linhas editoriais e de pesquisa, produção individual, institucional, local ou internacional, redes de relações entre autores, entre outros mais ou menos frequentes, conforme a época e o local em que se concretizam. Segundo Capurro (2003), a CI, por ser uma ciência jovem, ainda busca sedimentar-se ante a comunidade científica e, para tanto, trabalha na construção e fortalecimento de seus objetos de estudo. Dentre esses objetos, destaca-se a pesquisa das relações entre as mais diferentes áreas do saber e entre os discursos delas provenientes.

Ainda de acordo com o autor, a CI, por ter como base a informação, tem por objetivo e função principais as análises das relações entre os discursos, as comunidades, os documentos, bem como suas interações e interpretações que emanam de certos conjuntos de usuários. Não há dúvidas de que é o contexto científico, característico das instituições universitárias, o responsável pelas manifestações concretas do conhecimento produzido por determinados grupos e domínios do conhecimento.

Aqui se analisam a presença, o enfoque e a inserção temática dos estudos de gênero sob a perspectiva feminina. Essa questão, considerada incipiente no campo científico, pois os primeiros trabalhos datam da década de 1970, carrega e, ao mesmo tempo, dissemina uma forte carga social.

Com este estudo, pretende-se destacar a presença do gênero feminino em duas frentes distintas: a primeira é a verificação da presença da mulher como produtora de informação; e a segunda, analisar como a temática gênero vem sendo trabalhada na literatura científica da área de Ciência da Informação no Brasil, observando a assiduidade com que o tema tem sido tratado nos artigos publicados, os autores mais produtivos e suas condições profissionais e acadêmicas.

2 A Questão do gênero: algumas interpretações

Analisar a questão de gênero, considerando a diversidade de seus aspectos, requer uma definição preliminar do conceito, embora se tenha consciência, concordando-se com Scott (1995), de que codificar os sentidos das palavras é causa perdida. Como as ideias e as coisas que elas significam, as palavras têm uma história. O conceito de gênero, assim como o termo que o representa, deve ser compreendido, segundo a autora, a partir das relações sociais baseadas em diferenças percebidas entre os sexos e como um modo básico de significar relações de poder.

Ao retomar uma das questões centrais relativas ao gênero, a partir do feminismo, a autora analisa como a indignação, diante de um mundo também dividido em gêneros, provocou um movimento de contestação, transformador das estruturas de poder a eles relacionadas. Considerando que, na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes, ela percebe as classificações como elementos sugestivos de uma relação entre categorias em prol de distinções ou agrupamentos separados (SCOTT, 1995). Desse modo, embora ainda utilizado como sinônimo de sexo, nas ciências sociais o termo gênero expressa as diferenças construídas socialmente, independentemente de qualquer base biológica.

Os estudos de gênero vêm sendo identificados em sua origem, com o movimento feminista que passou a se utilizar do termo gênero no sentido mais literal, como o modo de constituição da relação social entre os sexos. Esse apoio gramatical, entretanto, implicou o estudo de relações, antes dicotômicas, pois se voltou a regras formais, decorrentes não só da distinção entre masculino ou feminino, mas das possibilidades inexploradas se considerado o fato de que, em vários idiomas indoeuropeus, existe uma terceira categoria, o sexo indefinido ou neutro. Essa realidade gerou a crítica ao uso da palavra gênero como um sinônimo de sexo, ou do conjunto de diferenças anátomo-fisiológicas existentes entre os homens e as mulheres. A dicotomia observada originou-se do conceito de gênero gramatical, que reflete apenas a divisão entre masculino e feminino em algumas línguas, enquanto outras apresentam tipos de divisão de gêneros totalmente desvinculados do sexo.

Desse modo, as características de gênero apresentam variações na história, referindo-se não somente aos papéis psicológicos e culturais atribuídos pela sociedade às pessoas, mas aos modos de olhar a realidade da vida, para compreender as formas de relacionamento e de exercício de poder.

Scott (1995, p. 28) argumenta que, de certo modo, a história política foi encenada no terreno do gênero. “É um terreno que parece fixado, mas cujo sentido é contestado e flutuante.” Se a oposição entre masculino e feminino é tratada como algo definido e constantemente construído, deve-se questionar não apenas o que se proclama, mas “Como percepções implícitas de gênero são invocadas ou reativadas.” (SCOTT, 1995, p. 28). Essas afirmativas originam questões elencadas pela autora:

- a) qual é a relação entre as leis sobre as mulheres e o poder do Estado?;
- b) por que (e desde quando) as mulheres são invisíveis como sujeitos históricos, quando sabemos que elas participaram

- dos grandes e pequenos eventos da história humana?;
- c) o gênero legitimou a emergência de carreiras profissionais?;
- d) o sujeito da ciência é sexuado?;
- e) qual é a relação entre a política do Estado e da descoberta do crime de homossexualidade?;
- f) como as instituições sociais têm incorporado o gênero nos seus pressupostos e na sua organização?;
- g) já houve conceitos de gênero realmente igualitários sobre os quais foram projetados ou mesmo baseados sistemas políticos?.

Essas indagações compõem parcialmente a atual agenda das discussões sobre o gênero. Entretanto, a cada estudo sobre o tema, revelam-se outras facetas indiciárias de um complexo corpus da literatura especializada. Na Ciência da Informação essa complexidade é ilustrada por Espírito Santo (2008), em levantamento dos estudos de gênero realizados pelas diversas linhas de pesquisa no Brasil e no mundo. Ao situar a produção científica publicada em artigos internacionais e nacionais, indexados no portal da Capes e nos trabalhos apresentados nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIBs), no período de 2000 a 2007, a autora observa que são poucos os pesquisadores interessados pela temática, apesar de todas as facetas dos estudos da informação terem implicações nas relações de gênero e vice-versa. Ao todo foram encontrados 18 artigos publicados em revistas internacionais; seis artigos publicados em cinco revistas nacionais; e quatro em cinco edições do ENANCIB. Todos os artigos analisados tiveram como ponto em comum a conclusão quanto à necessidade de as ciências, incluindo a CI, investirem em estudos e publicações que possam detectar as desigualdades de gênero, buscando alternativas para modificar este quadro.

Vale ressaltar que outros autores na área de CI vêm adquirindo destaque pelos estudos que realizam sobre gênero, como Gilda Olinto, cuja maior preocupação tem sido as relações entre o tema e indicadores científicos. Pode-se ilustrar sua produção, com os estudos que tem apresentado nos últimos anos, como o do VII ENANCIB em 2006. Nesse trabalho, a autora analisa alguns indicadores de recursos humanos em tecnologia de informação no Brasil e em ciência e tecnologia tendo como principal fonte de dados a Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar-2001 do IBGE. Ao descrever os dados, destaca informações sobre as diferenças de gênero dentro destas categorias ocupacionais. O foco neste tipo de recursos humanos, com a inclusão simultânea da dimensão de gênero, é considerado como fundamental para identificar a adaptação do país à chamada sociedade do conhecimento.

Olinto e Oliveira (2004) também verificam a participação da

mulher no trabalho informal ou em posições ocupacionais que podem ser consideradas precárias, assim como discutem a assimetria ou viés informacional que acompanha o trabalho feminino. A consideração simultânea de gênero e da posição do indivíduo na família é adotada para vários tipos de análises desenvolvidas, como, por exemplo, a observação de como a educação e a idade dos diferentes membros da família estão relacionadas à participação no trabalho informal e às ocupações precárias.

A importância dessa temática pode ser melhor contextualizada e compreendida pela intensificação dos estudos a ela devotados. Leta (2003) direciona sua atenção para o tema da inserção da mulher na ciência brasileira tecendo e transcrevendo essa trajetória histórica de exclusão e de pequenas conquistas femininas no campo científico. Estudos como esses devem ser estimulados na área, pois envolvem análises sobre relações de poder, pelas quais se percebe a informação como importante fator para dirimir as desigualdades e ampliar o reconhecimento sobre as possibilidades políticas, tanto de diminuição dos desequilíbrios sociais, quanto da ruptura da tradição do modelo binário de gênero nas esferas da política, das instituições e das organizações. Além disso, o emprego de técnicas bibliométricas, para mensuração da produção científica sobre a temática, pode significar um melhor entendimento acerca de como a questão do gênero está sendo abordada pela CI, além de conferir maior visibilidade ao tema. Concorda-se, portanto, com a afirmativa de que “em relação a literatura brasileira sobre essa temática vale dizer que ela é ainda incipiente e, em geral, de difícil acesso e muito dispersa.” (LETA, 2003, p. 272). Tais considerações preliminares servem para situar este estudo, uma vez que, quando se analisa um corpus sobre um tema específico deve-se oferecer uma constelação mínima de possibilidades de abordagem sobre ele.

3 Metodologia

O corpus analisado é extraído da Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI)¹ desde o ano de 1972 a 2011. A coleta dos artigos se deu entre os dias 14 e 16 de fevereiro de 2012. Visando aumentar o número de artigos revocados, utilizou-se não só o descritor “gênero”, mas também “mulher”, pois se entende que ambos estão inseridos na temática de maneira complementar.

A escolha do tema partiu da curiosidade sobre lugares comuns, baseados na denominada neutralidade da área da CI, na acusação de apatia política ou de que os temas sociais ou políticos têm pouca acolhida como temas de pesquisa pelos autores da área. A escolha de um período extenso para análise do corpus justifica-se pela intenção de se considerarem períodos de produção cuja

¹ Base de Dados Referenciais de Periódicos Nacionais da Área de Ciência da Informação, organizada e atualizada pelo Grupo de Pesquisa em Educação, Pesquisa e Perfil Profissional, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

intensidade varia de acordo com as condições contextuais em que foram produzidos os artigos.

A predileção pelo periódico científico, como tipo de publicação privilegiado neste estudo, parte do valor atribuído a esse meio, como expressão da literatura científica atualizada e referendada pelos pares, já que dispõe de conselhos editoriais e consultores que lhe garantem um grau de distinção quanto à autenticidade das informações e ao status científico concedido.

A aplicação de métodos bibliométricos ao corpus analisado foi fundamentada na “importância de se dispor de uma distribuição que nos informe sobre o número de autores, trabalhos, países ou revistas que existem em cada categoria de produtividade, utilidade ou o que mais desejamos saber.” (SOLLA PRICE, 1976, p. 39). Em busca da definição de seu ethos, a CI encontra na Bibliometria uma facilitadora para auxiliar na compreensão dos trâmites informacionais (produção, disseminação e uso da informação) e, por conseguinte, no seu próprio entendimento. Os estudos empreendidos nessa temática proporcionam um melhor conhecimento acerca da área, pois verificam de que maneira o saber está sendo produzido e por quem.

Com o auxílio da bibliometria, foi possível traçar um perfil da produção sobre a temática gênero, bem como caracterizar a autoria desses trabalhos. De acordo com os postulados de Callon, Courtial e Penan (1995), o presente estudo apresenta alguns indicadores de atividade, que fornecem um panorama do que está sendo produzido (estudo das temáticas) e de quem está produzindo (estudo de autoria). O emprego das técnicas bibliométricas e cientométricas confere a “[...] possibilidade de conhecer, pelo estudo das publicações, o desenvolvimento de área determinada da ciência, em âmbito geográfico específico, com recortes relativos a temáticas, materiais ou períodos específicos.” (BUFREM; PRATES, 2005, p. 13).

Os dados bibliométricos da pesquisa foram dispostos em software de planilha eletrônica (Excel) para sua melhor organização e visualização. No que se refere aos dados de autoria (titulação, área da titulação, função desempenhada e vínculo institucional) eles foram extraídos dos currículos disponibilizados no artigo e, quando necessário, complementados por informações obtidas no Currículo Lattes dos autores. De posse dos dados, foram confeccionados gráficos e tabelas para possibilitar o cotejamento entre as variáveis estabelecidas.

4 Resultados

O estudo contabilizou 74 artigos que contemplaram a temática gênero entre os anos de 1972 e 2011. Eles foram escritos por 102 autores diferentes, dos quais somente 18 (16,22%) publicaram mais de um trabalho. Por conseguinte, encontrou-se um elevado índice de transitoriedade (83,78%). Esse percentual reflete a incipiência na abordagem da temática pela CI, pois somente uma pequena parcela dos pesquisadores publicou mais de uma vez. Procurando esclarecimentos acerca dessa assertiva, realizou-se consulta no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (DGP/CNPq). Para tanto, utilizou-se como expressão de busca “gênero” e como filtro a área de Ciência da Informação. Foram encontrados oito grupos registrados. Leta (2003) utilizou a expressão “gênero e ciência”, na mesma base referencial, embora não tenha restringido à área de CI, tendo encontrado 21 trabalhos publicados. A autora acredita que essa baixa incidência possa ser resultado de um pequeno número de estudiosos interessados no tema, ou ainda, reflexo da predileção desses pesquisadores em dar visibilidade às pesquisas por meio de canais informais de divulgação científica.

Dos 102 autores sujeitos desta pesquisa, 79,28% são mulheres. Ao que tudo indica, está ficando a cargo delas abordar e produzir nessa seara. O interesse flagrante desse público pelos estudos de gênero encontra justificativa no fato de que, somente com o respaldo de um maior conhecimento acerca das distinções e diferenciações entre os sexos, no âmbito científico, será possível compreender e, por conseguinte, alterar a participação e a inserção da mulher na ciência, atividade historicamente atrelada à figura masculina.

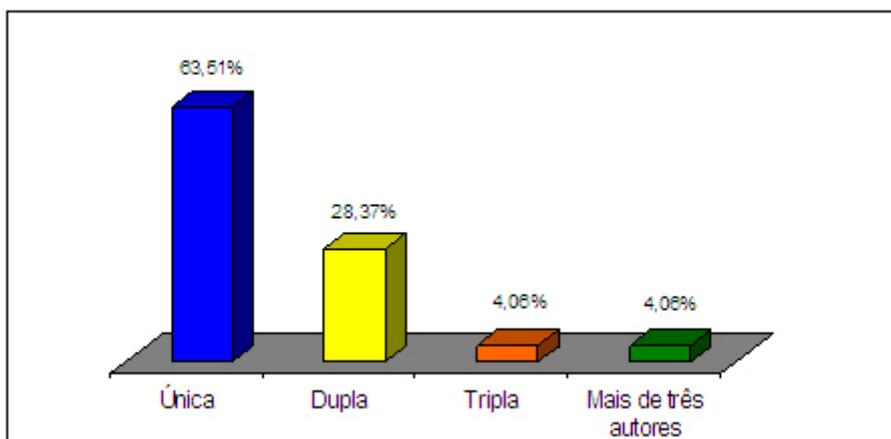
Nos estudos de Velho e León (1998) e de Leta (2003) fica evidente o árduo caminho trilhado pelas mulheres em busca da igualdade de condições na ciência. Nas últimas quatro décadas, a presença feminina no ensino superior intensificou-se bastante, tanto que já em meados dos anos 1980, indicadores científicos apontaram que, mesmo em “[...] países de condições econômicas, políticas e sociais tão diversas como Estados Unidos, extinta União Soviética, Filipinas e Brasil [...], o percentual entre homens e mulheres aproximava-se da equidade.” (MOORE, 1987² apud VELHO; LÉON, 1998, p. 311). Todavia, esse avanço não se deu de modo homogêneo, pois “[...] no campo das habilidades matemáticas de alto nível elas são tão grandes hoje quanto a três décadas.” (VELHO; LÉON, 1998, p. 312).

O interesse feminino pela temática é legítimo e corrobora a tese de que conhecer os meandros da estrutura científica pode significar uma melhor inserção na própria comunidade. Sendo

² MOORE, Kathryn M. Women's access and opportunity in higher education: toward the twenty-first century. *Comparative Education.*, v. 23, n. 1, p. 23-33, 1987.

assim, maior do que a evidência de que a questão do gênero está sendo explorada predominantemente por mulheres, está o fato de que grande parte das escolhas femininas, sejam elas de ordem formativa ou institucional, não está atrelada às habilidades e competências individuais, mas ainda sim, ao caráter biológico distintivo entre os indivíduos.

No que concerne a modalidade de autoria, dos 74 artigos analisados 63,41% deles foram escritos por um único autor (ver Gráfico 1). Esse resultado evidencia a realidade observada em vários estudos, com os mais diferentes recortes, feitos na última década nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Em pesquisa recente, Bufrem (2009) abrangeu 37 anos de publicação (1970 a 2007) dos 28 títulos de periódicos da área de CI e seus 4961 artigos extraídos da base BRAPCI. A autora também constatou maior incidência de autorias individuais (68,1%), percentual bastante próximo ao verificado por Vilan Filho (2010). Nesse caso, o autor constatou que dos 4334 artigos analisados, entre os anos de 1972 a 2006, apenas 29,3% foram escritos em coautoria.

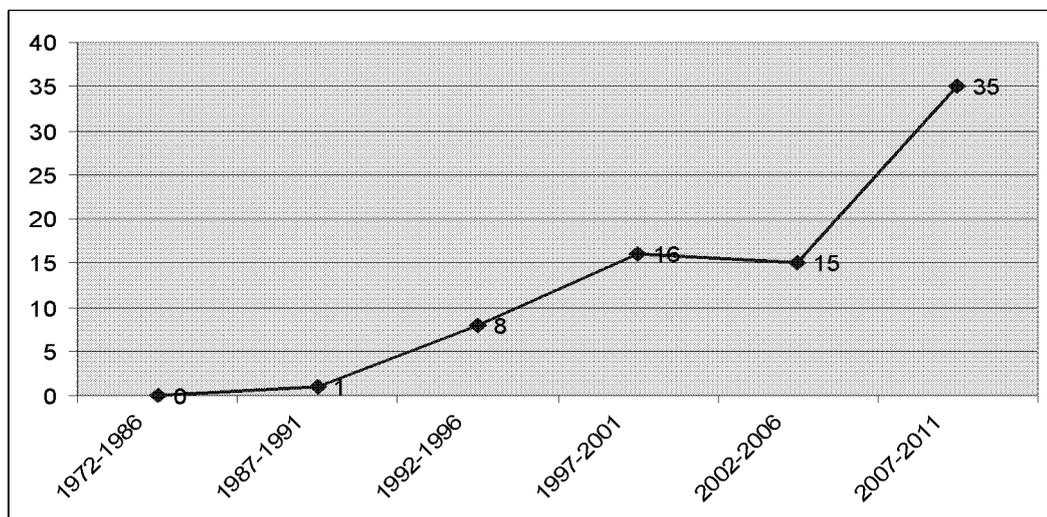


Esse resultado vai de encontro à tendência colaborativa evidenciada em diversas áreas do conhecimento como, por exemplo, a Física (VANZ, 2009). Não há dúvidas de que o aumento na especialização e o crescimento da pesquisa fomentam a escrita colaborativa (MEADOWS, 1999). Além disso, a concentração de esforços possibilita o ganho de maiores aportes financeiros para viabilizar – por exemplo – laboratórios e saídas de campo. Isso incentiva a reunião de cientistas em torno de um mesmo objeto de pesquisa buscando otimizar os resultados e minimizar os custos. A colaboração científica ainda tende a reforçar e qualificar as discussões, pois enseja diferentes enfoques e abordagens que só a diversidade e a experiência de diferentes profissionais propicia. Beaver e Rosen (1979) ainda citam o amadurecimento e a profissionalização da ciência como fatores motivacionais para

a escrita em coautoria. Todos esses fatores, unidos à necessidade de ampliar e aprofundar a discussão entre pares, resultam no aumento considerável da produção em coautoria.

Cumpramos ressaltar outro motivo que corrobora para que a discussão sobre o tema não tenha alcançado grandes proporções: a falta de interesse histórico em verificar causas, participações e manifestações das chamadas “minorias”. Thelwall, Barjak e Kretschmer (2006) evidenciaram a expressiva diferença entre o número de trabalhos científicos, disponíveis online, assinados por homens e assinados por mulheres. A flagrante desigualdade entre os gêneros na ciência ainda não tem sido suficiente para entender e dirimir as diferenças, que se traduzem nos números encontrados nas diversas pesquisas citadas no estudo de Espírito Santo (2008). Essas discrepâncias no meio científico são um problema conhecido e (re)conhecido, pois embora a situação tenha melhorado, em comparação ao período em que quase todos os cientistas eram do sexo masculino, “ainda existem desequilíbrios na maioria das áreas da ciência, em particular para o topo da estrutura da carreira.” (THELWALL; BARJAK; KRETSCHMER, 2006, p. 373, tradução nossa).

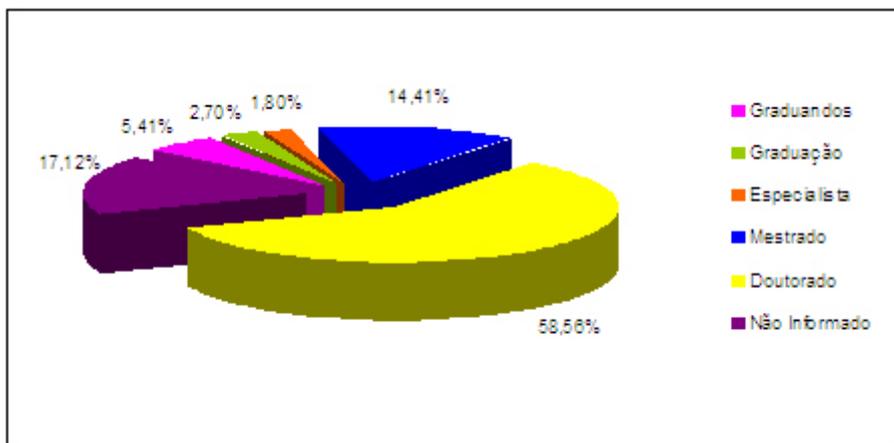
O número de artigos que trabalharam o tema gênero apresentou tendência crescente como pode ser observado no Gráfico 2. Se nos primeiros quinze anos (1972-1986) o tema sequer foi abordado, nos quinze anos (1987-2001) subsequentes 25 trabalhos versaram sobre a questão.



Por mais tímida que a produção sobre gênero pareça, pois um corpus de 74 artigos dispersos em um universo de aproximadamente 5000 indexados na BRAPCI não coloca o tema entre os preferidos da área, é flagrante o aumento no interesse sobre a questão do gênero nos últimos cinco anos. Buscando compreender melhor essa realidade, retoma-se aqui o dado obtido no DGP/CNPq de que existem atualmente oito grupos no Brasil

trabalhando com a temática. Todos eles foram criados nos últimos quinze anos e três nos últimos dois anos, o que corrobora a afirmativa de que, embora em ascensão, ainda são incipientes os estudos sobre a temática no país.

No que tange à formação acadêmica das autorias, verificou-se a predominância de doutores (58,56%), como pode ser observado no Gráfico 3.



Esse indicador foi visto como um sinal importante, quando cotejado com o percentual sobre a maciça participação das mulheres na produção sobre gênero, pois a formação dessas pesquisadoras, em sua maioria, já está no nível do doutorado. Essa realidade pode significar um presente mais inclusivo, no qual a inserção feminina na ciência está aumentando de maneira qualitativa. Esse fato, embora esteja inscrito no âmbito nacional, foi visto como um significativo avanço rumo à igualdade de oportunidades entre os gêneros.

Leta (2003) aponta para a necessidade de que estudos sejam realizados objetivando não só a atualização dessas informações, mas também a sistematização de dados sobre a formação e o perfil dos recursos humanos do Ensino Superior no Brasil. A autora afirma que a falta de conhecimento acerca disso dificulta a contextualização e a discussão apropriada sobre a questão do gênero. Nesse sentido, sua pesquisa oferece uma ideia sobre como a formação das pesquisadoras brasileiras tem se constituído e se apresentado ante a comunidade científica.

Um dado que chama a atenção é a ínfima participação de autores com especialização (1,80%). Uma possível explicação pode ser o fato de que, de modo geral, os cursos de especialização caracterizam-se pela formação de profissionais qualificados para o mercado de trabalho e não para a prática de pesquisa. Essa tarefa é, majoritariamente, desempenhada pelos egressos de cursos *stricto sensu*, nos quais a atividade de pesquisa é prerrogativa para a sua manutenção. Sendo assim, não surpreende que a maior parte dos autores tenha no mínimo o título de mestre,

fato que qualifica a formação dos pesquisadores que trabalham com a temática do gênero.

Com a análise da área da titulação dos autores foi possível verificar de que maneira os autores estão se relacionando com outras disciplinas, ou melhor, se realmente pesquisadores das mais diferentes áreas do saber estão trabalhando em colaboração, reafirmando o caráter inter e transdisciplinar da CI (ver Tabela 1).

Área	Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Biblioteconomia	7	6,31%
Ciência da Informação	19	17,11%
Comunicação	16	14,41%
Educação	13	11,71%
Psicologia	12	10,81%
Sociologia	7	6,31%
Não Informada	19	17,12%
Outras	18	16,22%
TOTAL	111	100,00%

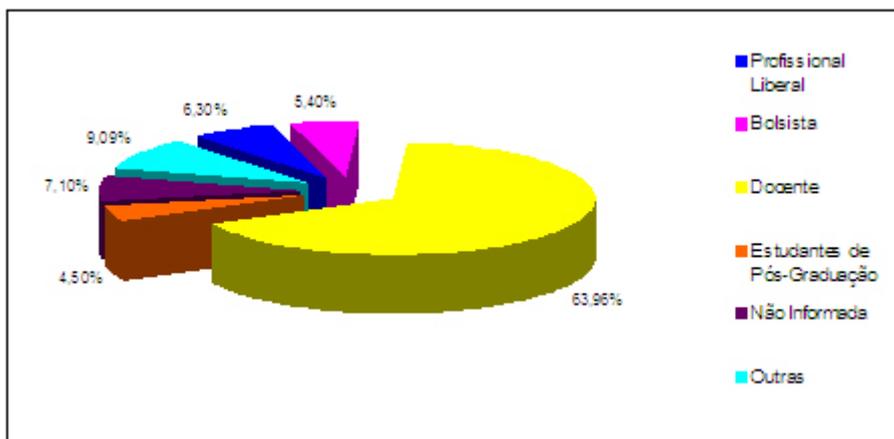
Fonte: dados da pesquisa

Optou-se por manter separados os percentuais das áreas de Biblioteconomia e da Ciência da Informação, pois além das diferenças inerentes e indiscutíveis existentes entre elas, é sabido que o curso em CI restringe-se ao nível da pós-graduação.

Esses percentuais confirmam a tendência de que as mulheres ocupam cargos e definem carreiras não por afinidades teóricas com determinadas disciplinas, mas, muitas vezes, pela imposição social simbólica da diferenciação sexual das áreas do conhecimento, ou seja, distribuir competências e habilidades, áreas e discursos, entre “coisas de mulher” e “coisas de homem”. De acordo com Velho e Léon (1998, p. 313), é possível observar esse “[...] *gender tracking* ou concentração de mulheres em disciplinas particulares [...]” principalmente em países industrializados há mais tempo. Se essa informação poderia significar um avanço feminino, em especial nos países com industrialização tardia a dura realidade mostra-se ainda perversa. Segundo as autoras, nesse contexto os homens estariam relegando cargos científicos em prol de ocupações liberais e, portanto, mais rentáveis. Em síntese, às mulheres estariam sendo ofertadas vagas de emprego com remunerações aquém do “potencial masculino”.

Entre as atividades profissionais desempenhadas, a docência foi a mais representativa (63,96%) (ver Gráfico 4). Esse percentual

reforça a ideia de que grande parte do conhecimento científico é proveniente das instituições de ensino superior.



O baixo índice de autorias que se enquadram na categoria de “estudantes de pós-graduação” pode ser justificado, pois 58,56% dos autores apresentam titulação mínima de doutor, como o exposto anteriormente. Esses dados não podem ser vistos dissociados da política de publicação científica vigente no país. Nela fica clara a importância conferida aos trabalhos escritos e publicados com pelo menos um dos autores doutores. Dentre os critérios do QUALIS/CAPES 2012, há percentuais máximos de autores publicando sem a titulação de doutor, para cada um dos estratos qualificadores.

No que concerne ao vínculo institucional dos autores, cumpre ressaltar a participação da Universidade Federal de Rio Grande (FURG) com 8,12% da produção (ver Tabela 2).

Universidade	Freq. Absoluta	Freq. Relativa
FURG	9	8,12%
PUCCAMP	6	5,41%
UFRGS	6	5,41%
UFSCAR	5	4,50%
UNB	7	6,31%
UNIVALI	5	4,50%
Universidades Estrangeiras	11	9,90%
Outras	62	55,85%
TOTAL	111	100,00%

Fonte: dados da pesquisa

A distribuição evidenciou um núcleo representativo de autores do sul do Brasil (18,02%). Todavia, no DGP/CNPq, não há grupo registrado e situado nos estados que compõem a região. Isso pode ser reflexo do alto índice de autores transeuntes (83,78%), que não se aprofundam no estudo da temática a ponto de cria-

6 Considerações finais

Com a análise dos 74 artigos, verificados nos 40 anos de publicação (1972-2011), foi possível detectar 102 autores distintos e 111 autorias. Em relação ao gênero dos autores, não foi surpresa constatar que a maioria é composta por mulheres, não só devido à prioridade de origem das discussões sobre gênero, relacionada ao movimento feminista, mas também pelo fato de que a CI é historicamente uma área feminina, talvez pela sua forte ligação com a Biblioteconomia, pois muitos dos autores analisados são graduados nessa área e pós-graduados em CI. Conforme o exposto anteriormente, a escolha por determinada carreira, por afinidade ou por contingência, ainda reflete as práticas institucionalizadas e sacralizadas do que seria de ordem feminina e masculina. (VELHO; LÉON, 1998; OLINTO, 1994). Aos distintos grupos sociais, caberia entender as chances possíveis de acordo com suas habilidades e competências, essas inerentes ao seu caráter biológico sexual, para viabilizar e otimizar suas vidas profissionais. Essa conduta segregatória pauperiza as importantes contribuições viabilizadas pela diversidade nos mais diferentes ramos profissionais.

A considerável contribuição de outras áreas como Comunicação, Educação e Psicologia (36,93%) aponta um aumento da interdisciplinaridade presente na produção científica em Ciência da Informação. Tal qual a CI, o campo educacional também é visto como predominantemente feminino. Olinto (1994) menciona, com base nos pressupostos teóricos de Pierre Bourdieu, que algumas áreas compostas em sua maioria por mulheres assim se configuram, pois suas práticas discursivas encontrariam semelhança em atividades ancestrais desempenhadas pela mulher, como, por exemplo, cuidar da casa e educar os filhos. Em sua tese, a autora aponta que a importância conferida a uma profissão, em detrimento de outra, está relacionada ao percentual de homens que a compõem, ou seja, às atividades desempenhadas por mulheres tenderiam a ser menos valorizadas pela sociedade. A carga histórica presente nessa prática está atrelada à aproximação da figura feminina à sensibilidade, à fertilidade, à agricultura, e não à razão, ao intelecto, ao trabalho e as guerras. Essa visão ainda reverbera na sociedade atual, pois acaba por determinar padrões, condutas e escolhas que deveriam ser construídas, única e exclusivamente, pelas aptidões e interesses individuais de cada mulher.

O aumento no número de artigos publicados sobre o tema nos últimos anos demonstra o incremento do debate. Além disso, a participação de autores estrangeiros e de diferentes áreas corrobora a importância mundial dada ao estudo dessa temática, embora o volume de trabalhos ainda esteja aquém do necessário

para fortalecer a discussão. Afinal, desde tempos imemoriáveis, homens e mulheres são segregados, única e exclusivamente, em função de fatores biológicos.

O indiscutível caráter social da ciência, feita e disseminada pelos pesquisadores em sua atuação concreta, também reproduz essas clivagens estabelecidas entre homens e mulheres ao longo da história. A inserção e a ascensão da mulher no círculo científico ainda se mostram, não raro, hostis nos dias atuais. Em contraponto a isso, estudos como o presente oferecem um panorama de como a temática está sendo abordada e por quem. O estabelecimento de políticas afirmativas, que visem não só incentivar a participação feminina na ciência, mas também ampliar e aprofundar a discussão, requerem melhor conhecimento acerca dessas questões.

Acredita-se que outras pesquisas, com diferentes abordagens, métodos e corpus devem ser estimuladas na área, pois envolvem análises sobre relações de poder, pelas quais se percebe a informação como fator de diminuição das desigualdades e ampliação do reconhecimento sobre as possibilidades políticas, tanto de diminuição dos desequilíbrios sociais, quanto da ruptura da tradição do modelo binário de gênero nas esferas da ciência, da política, das instituições e das organizações.

Referências

- BEAVER, D. D.; ROSEN, R. Studies in scientific collaboration: part II: scientific co-authorship, research productivity and visibility in the French scientific elite 1799-1830. **Scientometrics**, Budapest, v. 1, n. 2, p. 133-149, 1979.
- BUFREM, Leilah S. Relações interinstitucionais e autoria em artigos de revistas científicas de Ciência da Informação no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa, PB. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2009. 1 CD ROM.
- BUFREM, Leilah Santiago; PRATES, Yara. O Saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 9-25, maio/ago. 2005.
- CALLON, Michel; COURTIAL, Jean-Pierre; PENAN, Hervé. **Cienciometría el estudio cuantitativo de la actividad científica: de la bibliometría a la vigilancia tecnológica**. Gijón : Trea, 1995.
- CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. 1 CD-ROM.
- ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero da Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, jul./dez. 2008.
- LETA, Jacqueline. As Mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 271-284, 2003.

MEADOWS, A. J. **A Comunicação científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

OLINTO, Gilda. Reprodução de classe e produção de gênero através da cultura. 1994. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

OLINTO, Gilda; OLIVEIRA, Zuleica L. Cavalcante de. Gênero e trabalho precário no Brasil. **Gênero**, Niterói, v. 5, n. 1, p. 209-223, 2º sem. 2004.

_____. Indicadores de gênero para a sociedade do Conhecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília. **Anais eletrônicos...** Marília: Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UNESP, 2006. 1 CD-ROM.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOLLA PRICE, Derek de. **A Ciência desde a Babilônia**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

THELWALL, M.; BARJAC, F.; KRETSCHMER, H. Web links and gender in science: an exploratory analysis. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 67, n. 3, p. 373-383, jun. 2006.

VANZ, Samile. A. S. **As Redes de colaboração científica no Brasil: 2004-2006**. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.

VELHO, Léa; LÉON, Elena. A Construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 10, p. 309-344, 1998.

VILAN FILHO, Jaime. **Autoria múltipla em artigos de periódicos científicos das áreas de informação no Brasil**. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade Federal de Brasília, Brasília. 2010.

The Question of gender in literature in information science

ABSTRACT

Descriptive study using bibliometric analysis to verify the presence of women as producers of scientific information and analyze how the issue of gender has been addressed in the literature of information science in Brazil. Uses Database Benchmark Journal Articles in Information Science (BRAPCI) as a source of empirical data analysis of scientific confined to that theme. Notes assiduity with which the subject has been treated in the published articles, the most productive authors and their professional and academic conditions. Organizes and handles the data using Excel software for making graphs and tables. Identified 74 articles, written by 102 different authors, which include the gender issue between the years 1972 and 2011. Notes predominant of the individual authorship of the work and notes the increase in the number of articles published on the topic in recent years.

KEYWORDS: Information science. Gender. Scientific journal. Bibliometrics.

Leilah Santiago Bufrem

*Doutora em Ciências da Comunicação pela
Universidade de São Paulo – USP
Professora Sênior [Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE] e Professora Permanente
[Universidade Estadual Paulista – UNESP]
E-mail: santiagobufrem@gmail.com*

Bruna S. do Nascimento

*Mestre em Ciência da Informação pela
Universidade Federal da Bahia – UFBA.
Doutoranda [Programa de Pós-graduação em
Educação da Universidade Federal do Paraná –
UFPR.
E-mail: brusnascimento@gmail.com*

Recebido em:30/09/2012

Aceito em: 12/11/2012